

VISÃO DO CORREIO

A Copa é a bola da vez

Quando soar o apito inicial, na tarde de hoje, terá início a Copa mais festejada e elaborada entre as 32 edições do torneio que coroa o esporte mais popular do mundo. Afora a bola rolando, as atenções estarão voltadas para controvérsias extracampo que vieram se acumulando desde o anúncio das sedes do torneio. Em especial, depois que Donald Trump foi eleito presidente dos EUA, pela segunda vez, em novembro de 2024.

Desde que tomou posse, em janeiro do ano seguinte, o magnata dos imóveis, hotéis e cassinos declarou guerra à imigração ilegal. Pós em marcha uma operação agressiva de caçada e deportação sumária de estrangeiros em situação irregular. É essa orientação que prevalece na série de incidentes que marcaram as vésperas da abertura de um torneio que — menos nos Estados Unidos e no Canadá do que no México, para falar nos três países-sedes — enfeitiza o mundo a cada quatro anos.

As restrições à seleção do Irã, que terá de se hospedar do México e fazer viagens mais longas que os adversários, ilustra o tipo de situação criada pela política externa dos EUA. Quando assumiu o copatrocínio, na parceria inédita entre três países, Washington assumiu um compromisso, semelhante ao que mantém com a sede das Nações Unidas em Nova York: inimizades ou mesmo confrontos não autorizam a barrar a entrada no país dos representantes credenciados dos demais países-membros.

Em novembro passado, Trump recebeu do presidente da Fifa, Gianni Infantino, um prêmio “da paz” — consolação para o Nobel que lhe escapou. Mal virado o ano, sequestrou em Caracas o presidente venezuelano, Nicolás Maduro. Menos de dois meses depois, lançou com Israel sua guerra contra o Irã. Passados mais de 100 dias, os dois países seguem, tecnicamente, em estado de beligerância.

Não faltam vozes que questionem a

condição de um país em guerra para sediar um evento como a Copa do Mundo, tanto mais quando o inimigo está entre os participantes. A história, porém, oferece exemplos que poderiam apontar na direção oposta.

Na Antiguidade grega, os Jogos Olímpicos se firmaram como momento em que as guerras ficavam suspensas. A concepção mesma do evento trazia embutida a ideia de que arte e destreza nos esportes tomassem o lugar das armas nas disputas entre as cidades-Estado rivais, como Atenas, Esparta e Tebas. Trocar o combate corpo a corpo por uma competição regida por regras — e sem a morte como objetivo — é gesto que se acostuma ao que nos acostumamos a chamar de avanço civilizatório.

Já na era contemporânea, a própria Fifa teve de administrar situações delicadas. Talvez, a mais emblemática seja a de 1998, na Copa disputada na França. EUA e Irã, já então engalfinhados na disputa geopolítica que permeia a guerra atual, se enfrentaram — com vitória dos visitantes. A partida entrou para a história do futebol como o “jogo da paz”.

Os incidentes com a delegação iraniana, somados ao veto imposto a um juiz da Somália e à detenção para interrogatório de um jogador do Iraque, se apresentam como um alerta. Visitantes de diferentes países se viram forçados a desistir dos planos de assistir ao Mundial. Os que chegam aos EUA temem — com uma pilha de razões — a ação fulminante das temidas equipes do ICE, a tropa de choque lançada por Trump contra a imigração ilegal.

Fiel ao lema com o qual se elegeu, de “fazer a América (os EUA) grande novamente”, Trump não tem hesitado em lançar mão de todos os meios nas frentes de atrito que escolheu. Impôs sobretaxas comerciais unilateralmente, invadiu a Venezuela, atacou o Irã.

A Copa do Mundo é a bola da vez.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Copa 1

O futebol, antes marcado pela tradição coletiva e pelo talento individual, passou a priorizar o preparo físico em detrimento da técnica. Hoje, os times estão nivelados por baixo. As arenas evoluíram, mas o produto encareceu; e o marketing, ao exagerar na promoção do espetáculo, multiplica jogos de qualidade duvidosa. A Copa do Mundo é um paraíso artificial: quem manda, porém, é a dura realidade da bola quadrada. O historiador Eric Hobsbawm (1917-2012) comenta: “O futebol sintetiza muito bem a dialética entre identidade nacional, globalização e xenofobia dos dias de hoje. Os clubes viraram entidades transnacionais, empreendimentos globais. Mas, paradoxalmente, o que faz o futebol popular continua sendo, antes de tudo, a fidelidade local de um grupo de torcedores para com uma equipe. E, ainda, o que faz dos campeonatos mundiais algo interessante é o fato de que podemos ver países em competição. Por isso acho que o futebol carrega o conflito essencial da globalização.”

» **Marcos Fabrício**

Asa Norte

Copa 2

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) segue usando dois pesos e duas medidas. A gestão de elenco na Seleção Brasileira destoa pelo excesso de rigor com uns e privilégios para outros. O lateral-direito Wesley foi cortado de forma acelerada, sem que lhe dessem o benefício de oito dias para tentar se recuperar de dores na virilha. Em contrapartida, Neymar, visivelmente contundido, segue no grupo mesmo fora da estreia contra o Marrocos e, dificilmente, terá condições de atuar em uma eventual oitavas de final.

» **Gilberto Pereira Tiriba**

Santos (SP)

Redução da maioria penal

Enquanto o sistema carcerário não fizer nada para ressocializar, ensinar um ofício, obrigar a estudar, pode reduzir a maioria penal até para 5 anos que vai ser só um amontoado de gente presa. Alguns, com certeza, só precisavam de oportunidade para não se tornar um reincidente, pessoas que cresceram em um lar desestruturado, sem condições mínimas de serem boas pessoas, caem no sistema e se veem obrigadas a entrar para as facções em troca da sobrevivência.

» **Helena Oliveira**

Brasília

Fracasso da humanidade

Cada bomba lançada em território alheio não é somente um gesto político, é destruição, é morte, é gente perdendo tudo. A “resposta proporcional” atinge cidades, provoca a fuga de famílias para territórios desconhecidos e espalha o medo. A guerra continua sendo o fracasso mais previsível da humanidade, mas é apresentada como uma solução para todos os problemas políticos.

» **Paccelli M. Zahler**

Sudoeste

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Se a maioria dos homicídios, roubos e crimes organizados é cometida por adultos, por que a prioridade seria mudar a idade penal em vez de melhorar investigações, policiamento e execução de pena?

Douglas Rodrigues — Brasília

O patrocínio do filme *Dark horse* era com dinheiro privado: aposentadoria do seu João, benefício da dona Maria, pensão do seu Jurandir...

Vital R. de Vasconcelos Júnior

— Jardim Botânico

Zema confirmou apoio ao senador Flávio Bolsonaro em caso de segundo turno contra Lula. Cada um tem o padre Kelmon que merece.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Sobre a nossa Seleção Brasileira de futebol, só para distrair, uma pergunta que não quer calar: o Lucas Paque TÁ ou não TÁ?

Paulo Molina Prates — Asa Norte

No dia em que tiver uma Seleção com esta escalação: Félix, Carlos Alberto, Brito, Pizza e Everaldo; Clodoaldo e Gerson; Jairzinho, Pelé, Tostão e Rivelino, aí eu acredito no Hexa.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Poluição e saúde

A reportagem *Poluição agrava problemas cardiovasculares*, publicada na edição do **Correio** desta quarta-feira, evidencia que saúde pública e preservação ambiental caminham juntas. O cuidado com a vida humana passa também pela responsabilidade coletiva com os espaços que compartilhamos. Proteger o meio ambiente é proteger as futuras gerações e promover uma sociedade mais saudável e consciente.

» **Abraham Goldstein**

Rio de Janeiro



CIDA BARBOSA

cidabarbosa.df@dabr.com.br

A nossa Justiça cega

O perito que examinou o corpo de Henry Borel, assassinado aos 4 anos, disse que o menino teve uma morte lenta e agônica. “Essa criança sofreu. Com a multiplicidade de lesões, deve ter chorado e reclamado muito até desfalecer. Sofreu durante um tempo até sucumbir”, afirmou.

O laudo da necropsia apontou 23 lesões espalhadas pelo corpo, inclusive traumatismo na cabeça. Ele teve hemorragia interna e laceração do fígado. “Houve um homicídio por espancamento. A multiplicidade de lesões em sítios diferentes fez com que se concluísse que essa criança foi agredida e, por isso, houve a hemorragia interna”, acrescentou o perito.

A perversidade que vitimou Henry foi precedida de episódios de tortura, relatados pela babá dele. Um vídeo gravado por ela mostra o garotinho mancando ao sair do quarto após ficar sozinho com o padrasto. A babá afirmou ter contado à mãe da criança. O próprio garotinho também fez o relato de ao menos um desses casos de agressão.

O sádico covarde que assassinou Henry na sessão de espancamento em 8 de março de 2021 foi condenado a 43 anos, 9 meses e 20 dias de prisão. No papel, uma sentença considerável. Na prática, com a

nossa legislação frouxa — que contempla com progressão de regime até mesmo os mais sórdidos dos criminosos —, significa que o torturador homicida ficará pouco tempo atrás das grades. Se nosso país realmente punisse com rigor algozes de crianças e adolescentes, ele apodreceria na cadeia.

E a mãe de Henry? “Na qualidade de genitora e garantidora da integridade física do seu próprio filho, ela se omite o tempo todo, ela permite que a criança seja agredida sistematicamente”, sustentou o promotor. Para a Justiça, porém, a mãe foi uma vítima, uma pessoa massacrada pela opinião pública por... ser mulher. É estarrecedor, mas a alegação de misoginia foi usada para conceder o perdão judicial à figura! Esse veredito dá, inclusive, uma nova interpretação à expressão “a Justiça é cega”. Nesta semana, a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), enfatizou que “gênero não é salvo-conduto para crime”. Ou, pelo menos, não era.

Só houve uma vítima nesse crime hediondo. Um garotinho, de apenas 4 anos, foi trucidado, um garotinho sofreu seguidos abusos até a violência final. E, assim como lhe foi negado socorro em vida, também tiraram dele, mesmo após a morte brutal, o direito à justiça que merecia.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS*
Localidade			SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br